



Continuou a chover durante a manhã, e os homens, que tinham dormido pouco, falavam do acidente. Prognosticavam o estado dos feridos e lamentavam o morto.

«Vão morrer todos!».

Filipe “China” – «Fiquei internado durante meses, no Hospital e nos Marmeleiros. Ainda hoje, e já passaram mais de vinte

anos, não me lembro nada daquele dia. Andei baralhado durante uns tempos. Depois fui ficando melhor, o “zunido” foi passando...»

A fúria dos “Cães da Noite” esbateu-se.

Filipe “China” – «Continuamos a andar juntos, mas nunca mais foi a mesma coisa. O grupo ficou desfeito».

As cenas de violência vividas este ano não são minimamente comparáveis àquelas que foram protagonizadas pelos “Cães da Noite”.

confusão...».

As cenas de violência vividas este ano não são minimamente comparáveis àquelas que foram protagonizadas pelos “Cães da Noite”. Aparentemente, devem ser encaradas como acontecimentos isolados.

Filipe “China” – «Mesmo agora, não perdoo. Há uns tempos “tava” em casa e ouvi uns a partir garrafas na rua, e a dar pontapés em baldes de lixo. Saí de casa com uma mangueira e fui atrás deles».

Filipe “China” – «Não estou arrependido».

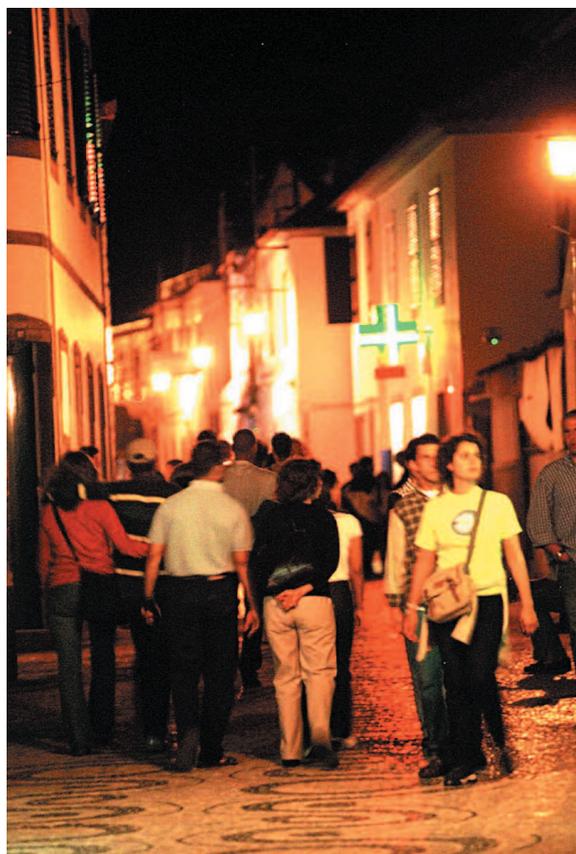
#### Porto Santo, Outubro de 2003

Filipe “China” – «Vivemos todos no Porto Santo, com excepção de um, que foi para a Inglaterra. Quando estamos todos juntos, falamos sobre os “Cães da Noite”, sobre aquilo que passámos. Toda a gente nos conhece».

O pó levanta, e depois assenta devagar sobre a mesa do café enquanto Filipe “China” se afasta. Com pouco mais de quarenta anos, é ainda um homem corpulento.

Há carros a apitar na marginal.

gsantos@dnovicias.pt



#### Quando não se fala de arrependimento

Filipe “China” – «Não estou arrependido. Nem tenho problemas de falar sobre o assunto, sobre esse tempo. Se fosse hoje, fazia a mesma coisa».

No Verão de 2003, um grupo de jovens do Porto Santo provocou descatos. Na ilha, falou-se do aparecimento de mais um bando organizado, capaz de perpetrar actos de violência atroz, à imagem dos “Cães da Noite”.

Filipe “China” – «Não têm nada a ver com aquilo que nós fomos. Mas era bom que aparecessem mais uns como nós. Vemos aí cada coisa! Ainda é pior que no nosso tempo. Eles (os madeirenses) partem garrafas, destroem os jardins, metem-se em drogas, armam

